

Especial Cidades 35 páginas  
As campeãs de riqueza e bem-estar



Editora ABRIL  
edição 2241 - ano 44 - nº 44  
2 de novembro de 2011

# veja

www.veja.com

CHEGOU O  
BEBÊ Nº

# 7

**BILHÕES**

A espaçonave  
Terra está  
ficando  
pequena



# O GRANDE SALTO DO BRASIL URBANO



**A CAPITAL DA CLASSE A**  
Niterói, no Rio de Janeiro,  
é a prova de que é possível  
aliar crescimento econômico  
a qualidade de vida

## AS MELHORES E AS PIORES

**148 EMPREGO**

Qualificar a mão de obra é a chave para atrair empresas

**154 SANEAMENTO**

**Americana:** a cidade com 99% de esgoto tratado

**162 LIXO**

A coleta está praticamente universalizada — o problema é a destinação

**150 ENSINO BÁSICO**

Se os pais cobram, a qualidade das aulas melhora

**156 CRIMINALIDADE**

No Pará, a calma **Santarém** se opõe à violenta **Marabá**

**164 MORTALIDADE INFANTIL**

O investimento certo salva milhares de vidas

**152 INTERNET**

Onde tem rede de graça até na praia

**160 RENDA**

**Niterói**, no Rio de Janeiro, é a nova capital da classe A

Coordenação: Mario Sabino ■ Editor executivo: Fábio Portela ■ Editor: Leonardo Coutinho ■ Editor de arte: Tadeu Nogueira ■ Editora de

## O PROGRESSO VIA...

**168 ...TURISMO**

Como transformar diversão em riqueza

**172 ...PETRÓLEO**

O desafio de usar bem os royalties

**170 ...EDUCAÇÃO**

O Brasil que segue a trilha de Stanford

**174 ...SAÚDE**

Salvar vidas pode até render dinheiro

**E MAIS:**

**176 ALMANAQUE**

As boas notícias de outras 75 cidades

fotografia: Gilda Castral ■ Coordenação de fotografia: Alexandre Reche

LEONARDO COUTINHO

**A** prosperidade de Niterói reluz na Baía de Guanabara. Segundo o último censo demográfico, a cidade fluminense alcançou duas proezas: em primeiro lugar, passou a exibir a maior renda domiciliar per capita do Brasil. Cada niteroiense leva para casa, em média, 2030 reais por mês. O aumento da renda abriu caminho para a segunda façanha: Niterói tornou-se o município com a maior proporção de ricos do país — 31% da população pertence à classe A. Com predicados assim, já é a estrela mais brilhante de uma constelação de cidades que dinamizaram boa parte do recente ciclo de crescimento econômico e bem-estar. São municípios que, apesar de não serem capitais de estado, atraíram população que supera a marca de 200 000 habitantes e hoje oferecem às pessoas os benefícios da urbanização. Há 106 cidades nessa situação. Juntas, elas abrigam 20% dos brasileiros e produzem 28% do PIB do país. Ao longo das próximas páginas, VEJA traça um perfil desse universo.

Nos anos 50, a proporção de pessoas que viviam em áreas rurais era de 64%. Nas duas décadas seguintes, o êxodo em direção às cidades se acentuou, assombrando urbanistas e governantes. Avaliava-se que a migração maciça inevitavelmente corroeria a qualidade de vida das grandes cidades. Em vez de preparar as áreas urbanas para absorver o impacto causado por essa movimentação, o poder público escolheu como “remédio” o combate à migração. Foi como tentar conter uma avalanche com um discurso. As políticas restritivas incluíram leis de uso do solo que dificultavam o estabelecimento de loteamentos para pessoas de baixa renda. Exigências de instalação de infraestrutura antes da comercialização das áreas também encareceram a construção de moradias. Os preços proibitivos empurraram a maioria dos migrantes para áreas irregulares e favelas. As cidades incharam de forma caótica. “Fizeram de tudo para impedir que as pessoas que deixavam o campo se assentassem dignamente nos grandes centros. A ideia era desencorajá-las de migrar”, diz a urbanista Diana Motta, da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano do Estado de São Paulo. O esforço foi em vão. As famílias se mudavam porque não viam, no campo, condições mínimas para sobreviver.

O temido colapso se concretizou a partir dos anos 80 e forçou os governos a mudar a forma de gerir as cidades. Os investimentos em infraestrutura urbana e na melhoria dos serviços públicos tornaram-se obrigatórios. E o que deveria ser uma catástrofe (como previam os pessimistas) revelou-se a redenção da maioria absoluta dos brasileiros. Hoje, 84% vivem em áreas urbanas — e, graças a essa concentração, o país encontrou o caminho do desenvolvimento. A economia de escala permitiu que custos derivados da instalação de redes de coleta de esgoto, abastecimento de água e de energia ficassem mais baixos. Investimentos em transportes públicos evoluíram e a mobilidade urbana passou a ser perseguida como ferramenta fundamental para o funcionamento adequado das cidades. Se a população continuasse espalhada,

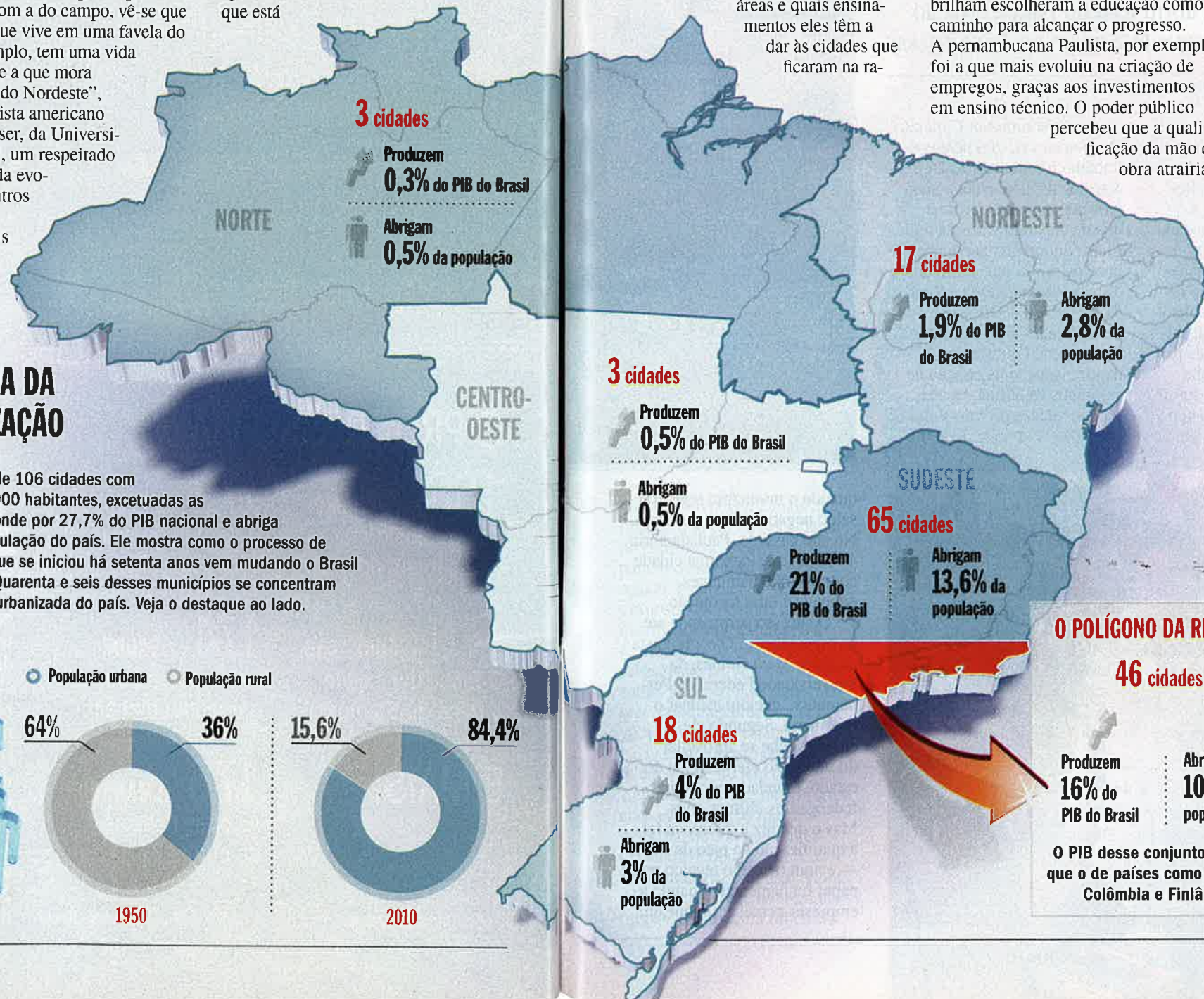
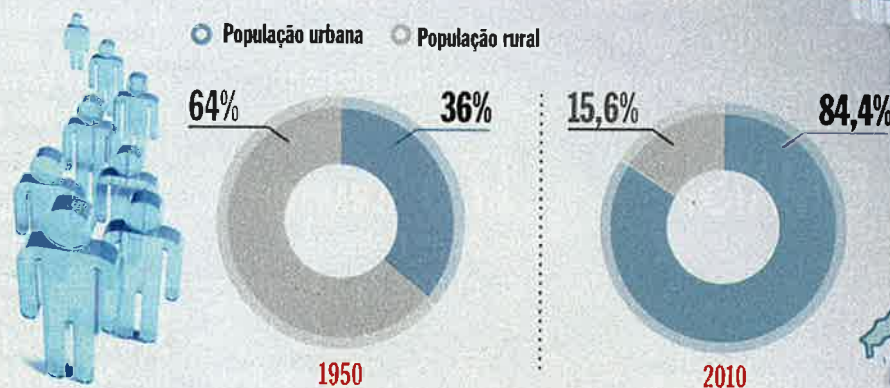
não haveria dinheiro para atender a todos. Por mais que os defensores da vida bucólica esperneiem, a situação das pessoas melhora quando elas abandonam a zona rural. É preferível enfrentar engarrafamentos a viver em locais ermos, aonde chega apenas um ônibus por dia e em que uma viagem até a cidade mais próxima pode consumir horas. É em centros urbanos que florescem a educação, a saúde, o trabalho e o entretenimento. “Quando se compara a pobreza das cidades com a do campo, vê-se que uma pessoa que vive em uma favela do Rio, por exemplo, tem uma vida melhor do que a que mora na zona rural do Nordeste”, diz o economista americano Edward Glaeser, da Universidade Harvard, um respeitado pesquisador da evolução dos centros urbanos.

As capitais foram as primeiras

beneficiadas por esse movimento. Agora, as cidades do interior é que colhem os frutos da urbanização. As 106 cidades com mais de 200 000 habitantes analisadas no decorrer desta reportagem têm à sua frente as perspectivas e os desafios comuns aos grandes centros. E estão fazendo bonito. Muitas já podem festejar a universalização de serviços indispensáveis, como saúde, educação, coleta de lixo e saneamento. VEJA apurou o que está

## A VITÓRIA DA URBANIZAÇÃO

Um conjunto de 106 cidades com mais de 200 000 habitantes, excetuadas as capitais, responde por 27,7% do PIB nacional e abriga 20,4% da população do país. Ele mostra como o processo de urbanização que se iniciou há setenta anos vem mudando o Brasil para melhor. Quarenta e seis desses municípios se concentram na área mais urbanizada do país. Veja o destaque ao lado.



ocorrendo em cada um desses municípios para descrever os casos de sucesso — e também apontar os erros cometidos. Na primeira parte da reportagem, foram escolhidos oito temas fundamentais para o bem-estar dos cidadãos: emprego, ensino básico, internet, saneamento, criminalidade, renda, lixo e mortalidade infantil. Um cruzamento de diversos bancos de dados mostrou os municípios que primam pela excelência em cada uma dessas áreas e quais ensinamentos eles têm a dar às cidades que ficaram na ra-

beira do levantamento. Na segunda parte, foram identificadas cidades que escolheram um específico setor econômico como trilha de desenvolvimento. Elas cresceram a partir das áreas de saúde, educação, petróleo e turismo. Para complementar, um Almanaque traz um panorama dos 75 municípios que pertencem ao universo pesquisado, mas não foram citados individualmente por não terem liderado nenhum ranking.

Em sua maioria, as cidades que mais brilham escolheram a educação como caminho para alcançar o progresso. A pernambucana Paulista, por exemplo, foi a que mais evoluiu na criação de empregos, graças aos investimentos em ensino técnico. O poder público percebeu que a qualificação da mão de obra atrairia

empresas interessadas em funcionários bem preparados. Dito e feito. A receita até parece óbvia, mas ainda há gestores que não aprenderam essa lição para lá de básica.

Além do ensino técnico, o superior também tem o poder de transformar regiões. A consolidação de universidades converteu certas cidades em pontos de referência em saúde, tecnologia e serviços. Em São Carlos, em São Paulo, empresas de informação e uma construtora uniram-se para criar um parque ecotecnológico, composto de um complexo industrial, um parque ambiental, condomínios de luxo e um conjunto de diversão. O valor investido em infraestrutura já chega a 30 milhões de reais — estima-se que as empresas ainda possam fazer aportes de 500 milhões de reais. Essa cadeia virtuosa nasceu na universidade local, e mudará para muito melhor a vida dos habitantes de São Carlos.

Esses são apenas alguns exemplos da “economia da aglomeração”, que, da mesma forma que permite a universalização de serviços básicos, cria as condições necessárias para o progresso cultural e educacional. “Universidades e museus custam caro para ser mantidos. Teatros e cinemas, idem. Os custos fixos de espaços como estes só se tornam acessíveis quando há frequentadores que paguem por isso e em quantidade suficiente para que os preços sejam reduzidos”, diz Edward Glaeser. Em seu livro *Os Centros Urbanos: a Maior Invenção da Humanidade*, ele afirma que a chance de alguém ficar rico em uma área urbana supera em nível exponencial a de alguém prosperar no campo. O livro traz resultados de um levantamento internacional que mostrou que, nos países onde mais da metade da população é urbana, 47% das pessoas se dizem felizes. Nas nações predominantemente rurais, somente 25% dos habitantes afirmam o mesmo. Felicidade pode até ser um conceito abstrato, mas os índices apresentados nas próximas páginas não. A urbanização está fazendo o Brasil dar o seu grande salto.